

BRASÍLIA DE A A Z

Claudio Versiani



Em Brasília, quem vive nas superquadras não mora em edifícios, mas em blocos, uma herança do relatório do urbanista Lúcio Costa

Kido Guerra e
Claudia Bernal
Da equipe do **Correio**

a

Aquarius — Foi um marco: o primeiro ponto de encontro de gays na cidade. Antes da Aquários, ou New Aquarius, nome que a boate ganhou depois, não existia lugar específico para a turma GLS — mais G, é verdade. A sensação eram os shows com travestis dublando Lisa Minelli, Billie Holiday, Maria Bethânia e até Trini Lopez. Há 25 anos, quando começou, era freqüentada por gente de teatro e música. Hoje a Aquários virou reduto de gays com poder aquisitivo menor. Os mais ricos migraram para a boate Garagem, no setor de Oficinas Sul.

Aeroporto — Um barracão em madeira: era assim a primeira estação de passageiros do aeroporto. A pista ficou pronta no final de abril de 1957, quando passou a ser normalmente utilizada. Logo em seguida, o presidente Juscelino Kubitschek a "inaugurou", pousando com seu Viscount presidencial, um quadrimotor turbo-hélice de fabricação inglesa.

Água Mineral — É um dos cartões-postais de Brasília. Criado em 1961, o Parque Nacional de Brasília nunca se libertou do vulgo, com seus 28 mil hectares, recebe anualmente cerca de 600 mil visitantes, que procuram encontrar tranqüilidade e em meio à natureza. Existem dezenas de nascentes de rios entre as piscinas da água mineral. Nos finais de semana especialmente ensolarados, o movimento chega a alcançar 6 mil pessoas.

ABO — A Associação Brasileira de Odontologia, com sede até hoje na 616 Sul, deu uma contribuição importantíssima para a cultura brasiliense. Em seu pequeno teatro, inaugurado no início dos anos 80, tocaram bandas como as então desconhecidas Legião Urbana, Capital Inicial e Plebe Rude, num mini-festival que marcava mais uma fase do Rock Brasília. Daí para a glória foi um pulo.

Arabesque — No cardápio, parecia a sucursal do Beirute e dividia as preferências dos freqüentadores da 109 Sul. Mas não tinha o mesmo público fiel. Fechou no início da década e foi transformada em loja de materiais elétricos, como a maioria dos estabelecimentos comerciais da entrequadra.

Ariranha — Um episódio trágico tornou o simpático mamífero um dos mais conhecidos do Zoológico de Brasília: a morte do sargento do exército Silvio Holembach, 33 anos, que hoje dá nome ao Zôo. No dia 28 de agosto de 1977, Silvio passeava com a família no Zoológico, comemorando o último dia do vestibular que prestou na UnB. Na saída, percebeu o burburinho e os gritos em torno do fosso das ariranhas. Um menino havia caído o tanque e estava sendo atacado pelos animais. O sargento pulou na água suja e conseguiu salvar o garoto Adilson Florêncio da Costa, 13 anos. Mas foi retirado do local com mais de cem mordidas e arranhões. Levado ao Hospital da Forças Armadas porém, morreu de infecção generalizada dois dias depois de ser internado.

Assentamentos — Começaram com uma promessa política: o governador Joaquim Roriz, em 1989, disse que transferiria famílias invasoras de Taguatinga para um grande assentamento que ganhou o nome de Samambaia. Depois dele, vieram São Sebastião, Santa Maria, Riacho

Fundo, Recanto das Emas.

b

Balão — Espécie endêmica da arquitetura do trânsito na cidade, assim como as tesourinhas. As rótulas de Brasília são chamadas de balão. O mais conhecido é o do Aeroporto, chamado de Balão (ou bambolê) da Dona Sarah. O balão do Aeroporto também ficou famoso pelos constantes "pegas" entre carros que ainda hoje ocorrem por lá.

Bandejinha — Foi o pivô da greve da UnB de 1977. Tudo come-

do Bandeirão, o restaurante da universidade. Veio o Bandejinha, um restaurante alternativo que durou pouco tempo. O movimento cresceu, os estudantes desafiaram o então reitor, José Carlos Azevedo, entraram em greve, e o saldo final foi a invasão da UnB por tropas do Exército, que vigiavam as salas para garantir à volta às aulas. Além de algumas prisões e a expulsão de vários alunos.

Baixaria — Era o nome dado pela turma de descolados que ia às boates e bares do Conic nos anos 70 e 80. O local é ainda muito freqüentado, inclusive o Teatro Dulcina, com espetáculos de dança, música e teatro. Mas a baixaria aumentou e o Conic chegou a virar sinônimo de prostituição.



Freqüentadores mudaram, mas o Beirute se mantém pela tradição

çou com o aumento dos preços **Bar do Luís** — Ex-garçom do

Beirute, o Luís abriu seu bar na mesma comercial, a poucas dezenas de metros do seu antigo reduto dos boêmios da 109 Sul, depois que o Beirute fechava. Servia caldos famosos, como os de mocotó e feijão. Mas passou a ser muito mal freqüentado. O Luís cansou das brigas, da vida boêmia e problemas com a polícia por causa de seus clientes. Fechou o boteco há três anos.

Brasília Palace Hotel e Benny's — O badalado hotel que os abonados freqüentavam no almoço dos domingos pegou fogo em 1978 — havia 130 pessoas hospedadas mas não houve vítimas graves. O Brasília Palace foi fundado em 1957 por Juscelino Kubitschek (o primeiro hotel da cidade), hospedou celebridades como Fidel Castro e hoje o hotel está sendo reformado. O Benny's também era um restaurante super badalado nos anos 60, e ficava na W/3 Sul.

Bet - Dois cabos de vassoura, duas latas vazias de óleo, uma bolinha de borracha e uma rua sem movimento já representaram horas de diversão nas superquadras do Plano Piloto e nas cidades do Distrito Federal. Hoje, o bet, aquele joguinho inspirado no baseball norte-americano, perdeu espaço para os carros nas ruas e para videogames e afins eletrônicos na preferência de crianças e adolescentes. Mas ainda conserva poucos e satisfeitos praticantes.

Beirute - O bar mais tradicional

de Brasília, palco de encontros memoráveis, ainda é considerado o lar dos boêmios. A freqüência mudou muito, um dos garçons virou dono, mas os charutos de parreira e o quibe com recheio continuam irretocáveis. Os velhos habitantes da noite preferem freqüentar o bar mais cedo e em dias de menor freqüência: são os profissionais.

Blocos — Aqui ninguém mora em prédios, mas em blocos. A denominação surgiu pela primeira vez no Relatório do Plano Piloto de Brasília, escrito por Lúcio Costa para detalhar suas idéias para a nova capital. E ficou até hoje. E deve ficar para sempre, uma vez que as próprias placas de identificação nas superquadras chamam os edifícios de blocos.

Buzina — Na entrada do Distrito Federal uma placa alerta o visitante: "em Brasília não se buzina". A cidade sabe e respeita: Brasília sempre viveu sem ela. Mesmo em horários de pico é raro que o motorista inquieto descarregue sua raiva na buzina.

c

Cabeças — Foram as primeiras tentativas de ocupação cultural das áreas livres da cidade, com pequenos shows e concertos ao ar livre, nas tardes de domingo da 111 Sul, em 1978. Nasceu como galeria de arte, virou espaço multimídia (já naquela época), cresceu, foi parar na W/4 Sul. Seus concertos passaram a ser feitos em outras superquadras, como a 312 Norte, depois ganharam a Rampa do Parque da Cidade e um dia sumiram do mapa da cidade. Mas chegou a revelar nomes como Oswaldo Montenegro.

Cafoto - Boteco da EQN 407 que ficou famoso com as apresentações musicais nos anos 70. Foi neste bar que Renato Russo cantou acompanhando-se apenas com um violão e sob o codinome de Trovador Solitário, extraindo personagens para suas canções.

Caseb - Na segunda metade da década de 70, os motores roncavam alto em frente ao colégio Caseb. O festival de arrancadas acontecia todos os domingos, por volta das 22h, e reunia todos os tipos de carros, inclusive ônibus. O circuito começava em frente ao Caseb, contornava a 708/9 Sul e terminava no ponto de partida. Enquanto os motoristas exibiam perícia, cenas de selvageria, uma legião de populares assistia, eufórica, das calçadas.

Ceub — Quem diria: além de faculdade, inaugurada em 1971, o Ceub foi o primeiro time de futebol de Brasília — motivo de orgulho dos brasilienses. De 1973 a 1975 participou do Campeonato Brasileiro de Futebol e, no ano seguinte, devido a brigas políticas do esporte local, foi desativado. Na época, o sonho de muitos meninos era ter o bonito uniforme do Ceub: azul escuro com um escudo no peito e mangas com listas azuis e amarelas.

Churrascos — Brasília não vive sem eles. A mistura de gente vinda de todo o país trouxe à capital pratos como churrasco e feijoada, que viraram pretexto para encontro e gastronomia nas horas de lazer. Sem praia, a diversão era e ainda é nos clubes, regados a carne, piscina e futebol. Ou em casas, que também têm suas portas abertas para as reuniões de amigos entre goles de cerveja.

Cinto de Segurança - Brasília foi a primeira cidade a exigir o uso do cinto de segurança graças a uma lei distrital do ex-deputado Cícero Miranda, de 1989. Logo depois o Código de Trânsito passou a exigir o uso do cinto em todo o Brasil.

Cine Atlântida — Deixou de ser



O Concerto Cabeças foi a primeira tentativa de se fazer cultura ao ar livre em Brasília mas desapareceu sem deixar qualquer vestígio

cinema para virar Igreja Universal do Reino de Deus no início da década de 90. Nos anos 80, porém, foi um dos cinemas modernos de Brasília. Os filmes que entravam em circuito eram passados no cine Atlântida, no Setor de Diversões Sul, (Conic). Outros cinemas, Badya Helou e Miguel Nabut, perto do Atlântida, também viraram redutos evangélicos.

Cine Brasília — Foi o primeiro cinema da cidade, só que ficava no Núcleo Bandeirantes. Quando a Brasília foi inaugurada ele já funcionava. Depois transferiu-se para a 106/107 Sul. Virou templo de cinéfilos. É palco do Festival de Brasília, exibição anual de filmes nacionais que

acontece há 32 anos. Frequentado basicamente por amantes da cinéfilos, exhibe clássicos e filmes de diretores alternativos. A primeira Festa dos Estados, em 1963, foi realizada no amplo estacionamento em frente ao Cine Brasília.

Cine Cultura — A Meca dos filmes de arte na década de 60, que funcionava na W-3, 507 Sul, onde hoje funciona hoje o Instituto Candango de Solidariedade. Exibiu clássicos como Ben-Hur. Era um dos locais preferidos por Ney Matogrosso nos anos 60, quando morava em Brasília. Dez anos depois virou point de pornochanchadas. E fechou no final da década de 70.

Cine Espacial — Era meio esquisitão, com suas três telas dispostas em círculo, em posição que o espectador tinha que olhar num ângulo de 45 graus. Mas era novidade nos anos 70 e fazia o maior sucesso. Instalado no Gilberto Salomão, fechou e foi transformado na discoteca Zoom, grande sucesso da década de 80.

Karim Criança — Ficava no Conjunto Nacional e há 25 anos só passava filmes infantis. Já o Cinema I, também no Conjunto, fazia a alegria dos cinéfilos dos anos 70. Só exibia filmaços alternativos. Tempos mudaram. Hoje, no local, funciona o Cine Márcia, onde passam filmes comerciais, preferencialmente

hollywoodianos.

Congresso e Cota Mil — Nos anos 70, a diversão eram as festinhas nas boites dos clubes. A do Clube do Congresso foi a mais famosa no final dos anos 60 e início dos 70. Outra concorrida e agitada era a do Cota Mil. Sem esquecer as dos clubes militares, como do Exército e da Aeronáutica, (mas com festas bem mais sóbrias).

Congresso Nacional — Ainda há quem o faça, mas nos anos 70 e 80 era imperdoável que boêmios voltassem das festas sem ver o sol nascer no gramaço em frente ao Congresso. Na época também havia o hábito de subir na rampa e permane-

cer nas conchas, o que não é mais permitido.

Combogó — Aqueles buraquinhos nas fachadas dos blocos são a cara de Brasília. O motivo dos combogós na arquitetura da cidade era justamente permitir a entrada de luz natural e ventilação. É também diversão da garotada que mora nos blocos mais antigos e se “escala” as paredes pelos combogós dos corredores e garagens.

d

Descer — Quem nunca gritou: desce!, lá de baixo, avisando ao amigo que era hora do encontro. Para andar de bicicleta, jogar queimada, pular elástico ou apenas ficar sentado debaixo do bloco. Se não quisesse gritar, bastava apertar o interfone. O point era sempre debaixo do bloco, quando Brasília ainda tinha poucas opções de lazer. Hoje a cultura de ficar debaixo do bloco ainda permanece, mas não é tão forte quanto até meados dos anos 80.

Diretas Já — Assim como o enterro de Juscelino, oito anos antes, as manifestações pelas Diretas Já!, em 1984, foram um marco na história política da cidade. Brasília foi sitiada, conviveu com medidas de exceção, e mesmo assim promoveu peneiras, buzinações e protestou na Esplanada, enfrentando o general Newton Cruz.

Drugstore — Foi o primeiro bar modernoso de Brasília, no Gilberto Salomão. Era uma passarela onde tocavam as músicas

de sucesso e também point de paquera. Já era comum que as pessoas desfilassem por lá com suas roupas de grife.

Detran — Em algum momento na vida, boa parte dos moradores de Brasília enfrentou ou vai ter que enfrentar as incríveis filas e a burocracia do Detran. Horas de espera, muitas vezes em pé, taxas para pagar e centenas de pessoas à beira de um ataque de nervos. O dia-a-dia dos usuários de serviços do Detra se resume hoje a uma infinidade de guichês e informações desencontradas.



Esotéricos escolheram a região de Brasília para viver: a cidade estaria num dos quatro chakras do mundo

e

Entrequadras — Originalmente, segundo o plano de Lúcio Costa, as entrequadras funcionaram como entreposto para os moradores, com açougues, vendas, quitandas, lojas de ferragens, como escreveu. Ainda não era tempo de supermercados. E este comércio estaria voltado para as quadras. Hoje mudou tudo e é por isso que Niemeyer reclama tanto das placas que ficam na frente das lojas e quem mora na cidade se irrita com quem estaciona em fila dupla.

Esoterismo — Misticismo combina com a cidade, a região, pois Brasília está localizada no Planalto Central. Seria um dos lugares que estaria salvo do cataclismo da Era de Aquarius. A região também seria um dos quatro chakras (pontos energéticos) da Terra, pois o subsolo é rico em cristais. Os místicos acham que isso faz com que "role a maior energia", tanto que já são mais de 400 seitas no DF. Porém, a aura de misticismo em Brasília vem de muito tempo antes de ser construída:

um santo sonhou e concebeu a cidade. Dom Bosco, italiano, nascido em 1815, costumava ter vi-

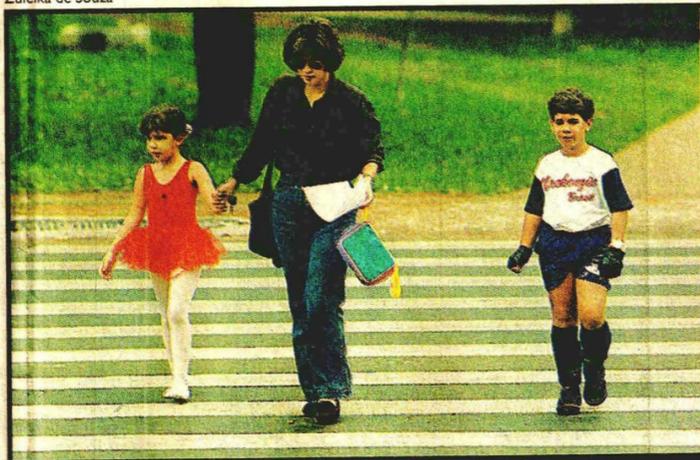
sões proféticas. Num desses sonhos ele previu, no mesmo paralelo onde está construída a Capi-

tal Federal, a Terra Prometida.

Esplanada — É a avenida do poder: foi concebida por Lúcio Costa para abrigar os ministérios e dar na praça que reúne os prédios-sede dos três poderes da República. A Esplanada ainda não está terminada. O gramado central deve abrigar construções para a Biblioteca Nacional e outros órgãos federais.

Eixinhos — São as vias expressas paralelas ao Eixão. Lúcio Costa não tinha planejado o Eixão (eixo rodoviário) com tantas saídas como se vê hoje e, portanto, os eixinhos seriam utilizados para fazer

Zuleika de Souza



A faixa de pedestres é marca da cidade; começou a ser respeitada em abril de 97

as ligações mais curtas, entre as superquadras. Hoje eles ajudam no escoamento do trânsito

Eixão — A via expressa paralela aos eixinhos que cruza a cidade de uma asa a outra e faz a ligação das duas saídas de Brasília já foi usada por playboys para fazer pegadas. Já ganhou cercas para impedir que as pessoas fizessem a perigosa travessia (na altura do Hospital de Base), mas o tombamento não permite nem que seja construído um muro de proteção nas pistas, como proposto num projeto.

f

Faixa de pedestre — O respeito

às faixas de pedestre é uma conquista de todos os brasilienses e símbolo de civilidade e cidadania. As faixas começaram a ser respeitadas no dia 1º de abril de 1997, e o sucesso foi creditado ao trabalho conjunto de fiscalização e conscientização de motoristas e pedestres, educação — além do medo da multa, claro.

Finca — Outro joguinho de superquadras. A brincadeira eram com pequenos vergalhões de ferros recolhidos nos canteiros de obras, chamados fincas. Cada criança tinha uma "casa" desenhada no barro. O objetivo do jogo era cercar com as fincas a casa do adversário e voltar à sua casa. Quem o fizesse primeiro ganhava. Finca é a cara dos anos 60 e 70, pois as quadras ainda não eram totalmente gramadas, havia muito barro.

g

Galpão, Galpãozinho e Garagem — Três teatros com a letra G que roubaram a cena cultural da cidade nos anos 70 e a primeira metade dos anos 80. Ali surgiram atividades culturais como Feira de Música e o Jogo de Cena. Hoje, o Espaço Cultural da 508 Sul abriga o Galpão e Galpãozinho — salas que ainda existem. O Teatro Garagem fica no Sesc da 513 Sul e muitas bandas de rock de Brasília começaram lá, inclusive os Raimundos.

Gangues — Triste evolução das turmas de quadra. Hoje, as gangues são bem mais violentas e em nada lembram as brincadeiras hoje consideradas ingênuas entre as velhas turmas que ocuparam as quadras de Brasília nas décadas de 60 e 70. Não é raro ver jovens sendo mortos por gangues no Plano Piloto. Já nas cidades satélites como Planaltina, brigas e mortes entre gangues tornaram-se comuns.

Gilbertinho — Uma invenção dos anos 80, criado pelos moderninhos, punks e darks, rechaçados do Gilberto. Eles queriam ir contra ao império de "mauricinhos e patricinhas" que havia no Gilberto Salomão. Os bares abertos ali fizeram tan-

anos 60 e 70 o apelido de graminhas. As quadras e gramados estavam sendo implantados e a função dos graminhas era impedir que houvesse brincadeira de bola no verde. A ligação entre graminhas e crianças não era lá muito amistosa. De uniforme esverdeado, os fiscais ficavam atrás de pilastras de blocos esperando a chance da bola escapular para perto deles. Para a fúria dos garotos, furavam-na e depois a devolviam com broncas. O confisco era, no mínimo, hilário. Menos para o dono da bola.

Grande Circular — Linha de ônibus número 105/106 da TCB que não pára. Circula por toda Asa Sul e Asa Norte (L2 e W3) de 6h a 23h30. Já o **Gran Circo Lar** é um espaço público do GDF destinado a shows. O local, situado no Eixo Monumental, parece um circo. Vários projetos de rock já passaram pelo Gran Circo Lar. Nomes como Raul Seixas, Jorge Ben Jor, Pato Fu, a banda francesa Mano Negra, a alemã de metal Kreator, ou a americana alternativa Superchunk já lotaram a capacidade do lugar, com capacidade para 2 mil pessoas.

h

Hotel Nacional — Cenário dos primeiros pegadas de carro de Brasília e do Village, a lanchonete pioneira com mostarda e catchup da cidade. Inaugurado no final de 1961, o Hotel Nacional era o centro nervoso de Brasília, num tempo em que a cidade mal existia. Políticos por lá se reuniam, jornalistas buscavam notícias, a alta sociedade se divertia. Ali se hospedaram a rainha Elizabeth, da Inglaterra, o presidente francês Charles De Gaulle, o rei Juan Carlos da Espanha. Mas a venda do Hotel Nacional, em 1994, depois de uma grande crise financeira, encerrou a época de príncipes, estadistas e rainhas desfilando por seus corredores.

i

Internet — Para uma cidade onde não há mar, até que se navega bastante em Brasília. O brasiliense é o maior usuário de Internet do país. São mais de 450 mil internautas espalhados pelo DF, acessando e-mail, lendo as últimas notícias e trabalhando com a força da grande rede mundial de computadores. É a elevada renda per capita do Distrito Federal que faz com que Brasília seja a campeã nacional em número de usuários da rede.

Invasões — Sempre foram problema problema no Distrito Federal. No mesmo ano em que a capital foi inaugurada, um grupo de moradores da Cidade Livre foi protestar na porta de um restaurante onde o presidente Juscelino Kubistcheck jantava. Eles reivindicavam a fixação do acampamento provisório criado para abrigar os operários que trabalharam na construção da capital e que deveria ser desmanchado com a inauguração. Foi a primeira ocupação não planejada do Distrito Federal. A remoção de barracos pela W3 e outras invasões perto do Plano Piloto e da primeira rodovia de acesso acesso a Brasília, partindo de Anápolis, fez surgir Taguatinga e, anos depois, Paranoá e Ceilândia. Essas favelas eram formadas principalmente por famílias nordestinas que vinham procurar emprego na nova capital, fugindo da seca e da

to sucesso que o agito mesmo era na pracinha central.

Ginga — Na 104 Sul, lugar de encontro dos descolados dos anos 70. Era um restaurante de angolanos que servia comida portuguesa. Bacalhau com nata era um dos pratos mais famosos, ao lado de, evidentemente, bolinho de bacalhau.

Gaff — Na época da ditadura, a turma do governo militar, como Delfim Neto, tinha mesas cativas no restaurante do Gilberto Salomão. Hoje, 25 anos depois de aberto, o restaurante continua sendo ponto de encontro de políticos, empresários e socialites. É o único local de Brasília que oferece um jantar dançante com música ao vivo

Graminhas — Terror da molecada. Eram vigilantes do Departamento de Parques e Jardins que ganharam da menina dos



Os blocos das superquadras 400 não têm elevador; ganharam o apelido de JK, mas ninguém sabe por quê

fome no sertão. Hoje há cerca de 8 mil famílias morando em invasões no Distrito Federal. A maior delas é a Estrutural.

JK — Além da sigla do fundador, as duas letras formam o apelido dos blocos localizados nas quadras 400, sem pilotis, sem elevador. Por quê? Ninguém mais se lembra do motivo do apelido dos pequenos blocos de três andares, nem mesmo os principais historiadores da cidade.

tcheco entrou na história do Brasil no século passado, quando o marceneiro João “Alemão” veio dar no Brasil a procura de fortuna. Hoje o nome, tão complicado que precisou-se de um apelido, é, pelo menos em Brasília, corriqueiro e lembrado por várias manifestações de respeito ao fundador.

Karaokê — Entrou na vida do brasileiro junto com o sushi e virou moda nos anos 80. Os mais genuínos pertenciam a japoneses, eram apresentados por japoneses e ficavam no Núcleo Bandeirante e no Venâncio 3000. Hoje, com a tecnologia, a moda são os videokês — espécie de karaokê em que a letra da música sai na tela de televisão.

Kako e Shalako — A high society formada por “filhinhos de papai”, (de ministros e deputados), era freqüentadora assídua da noite nessas duas boates, as primeiras do Gilberto Salomão. Elas tiveram seus momentos de glória na década de 70. Fernando Collor, Luís Estevão e Paulo Octávio adoravam.

Lacerdinha — Na época da construção, havia muito redemoinho na cidade. Eram altos e constantes, destelhavam barracos, atrapalhavam a vida dos operários que levantavam Brasília. Logo ganharam o nome de Lacerdinha. Isso porque Carlos Lacerda era o deputado federal de maior oposição à construção de Brasília.

Lago Paranoá — A idéia do Lago Paranoá nasceu junto com a da capital. E transformou-se na prainha de Brasília: existem 13 mil embarcações registradas na Capitania dos Portos. São 40 quilômetros quadrados de área e 560 milhões de metros cúbicos de água. A profundidade média é de 14,3 metros, chegando a 38 metros em alguns pontos. A água é própria para

Kubitschek — O sobrenome

mostra pescadores entusiasmados, crianças brincando na água, banhos de sol e todos os tipos de esportes aquáticos comuns a qualquer parte do litoral brasileiro.

L/1, L/2, L/3, L/4... — São as vias paralelas (ou quase) aos eixinhos e que ajudam a formar as duas asas do Plano Piloto. O L viria de lateral, mas ninguém confirma isso, nem mesmo Lúcio Costa que não se lembrava porque os eixos L levaram este nome... ou melhor, letra.

m

Mambembão — Projeto que nos anos 80 trazia a Brasília espetáculos teatrais vindos de todo o Brasil com ingressos mais baratos. As peças costumavam ser apresentadas na Sala Funte.

Micarecandanga — É o carnaval fora de época de Brasília e existe há 7 anos. Fez com que a cidade se rendesse à música baiana. Tem trazido à capital bandas baianas famosas que fazem a festa no alto do trio elétrico, como Asa de Águia, Chiclete com Banana e Banda Eva. Começou no Eixão (sentido 112 norte rumo ao Mané Garrincha), passou a acontecer na Esplanada dos Ministérios e há três anos faz a festa na Passarela da Alegria.

Miki-Sushi — Miki-San era um simpático japonês que preparava um delicioso sushi em seu restaurante na 213 Sul. Aliás, o mais típico que já existiu na cidade. Não tinha mesa, só um balcão retangular no centro do espaço, onde Miki-San preparava o sushi, vendia as bebidas e conversava com os clientes. Foi



O projeto Orla é a democratização do lazer no Lago Paranoá, até então exclusivo dos moradores de casas às margens e de frequentadores de clubes

o primeiro sushiman de Brasília — pelo menos o primeiro conhecido. Como gostava muito de jogar e de cerveja, aos poucos foi perdendo o interesse pelo restaurante, que um dia amanheceu fechado para sempre.

Mordomia — Piscina em forma de J, carros oficiais, apartamentos funcionais... Brasília tornou-se, durante o regime militar, o paraíso das mordomias. Ou a ilha da fantasia para os mais críticos.

Motoqueiro vermelho — Ao que tudo indica, uma invenção da imprensa: era um bandido que assaltava casais de namorados

em cima de sua moto vermelha. O mito teve vinda longa, devido às notícias sobre o Motoqueiro Vermelho que não paravam de sair no jornal Correio do Planalto no final dos anos 70.

Mulher loira — Um fantasma clássico na virada dos anos 60 para 70. Era motivo de pânico para a garotada que se arrepiava dos pés à cabeça com as histórias de que uma loira que pedia carona na W/3 se transformava em assustadora caveira, levando o motorista à demência, tamanho o susto. Também teve vida longa. E sumiu assim como surgiu: de repente.

Mobylette — Puch, Susuki 50 (a cinquentinha), Mini-Enduro... Eram os meios de transporte preferidos da turma descolada dos anos 70. Detalhe: pouquíssima gente tinha carteira. Eram quase todos menores: o código de trânsito não era tão severo.

n

Niemeyer — O criador da cidade monumento é ainda hoje uma figura capital para Brasília, já que continua projetando nos

edifícios para a cidade. Os últimos foram a sede da Associação Brasileira de Literatura e os prédios a serem construídos no gramado central da Esplanada dos Ministérios.

Nilson Nelson — Inaugurado no início da década de 70, o ginásio Nilson Nelson foi palco de grandes torneios esportivos e shows nacionais e internacionais. As seleções brasileiras de vôlei e basquete já passaram por lá. E um dos espetáculos mais marcantes foi o de Eric Clapton, em outubro de 1990. Logo em seguida, no dia 1º de janeiro de 1991, um forte tempestade causou o desabamento do teto. Não

houve tragédia pois dias antes a festa de posse do governador Joaquim Roriz havia sido transferida dali.

O

Orla — A democratização do Lago Paranoá. Até então, só tinham acesso às margens sócios de clubes e donos de pontas de picolé. Mas o Projeto Orla, que começou a ser implantado em 1997, visa revitalizar 11 pólos da orla do Lago Paranoá, com toda infraestrutura turística: piers, restaurantes e bares, calçadões. É um novo local de entretenimento, assim como o Parque da Cidade.

p

Parque da Cidade — O Parque da Cidade é a nossa praia. Com uma área de 4,2 milhões de metros quadrados, é ponto de encontro para brasilienses de qualquer idade. Inaugurada há 20 anos e com movimento diário variando de 3 mil pessoas durante a semana a 50 mil nos feriados, sábados e domingos, o parque é cenário de inúmeras atividades e pontos de encontro dos mais diversos grupos na cidade. Entre um extremo e outro, muita malhação, paquera, brincadeira, churrasco com farofa, preguiça, meditação e o que mais se puder fazer com o tempo livre.

Pamonhão Kalu — Exemplo de um dos restaurantes mais resistentes do DF. Nasceu na década

de 70, na 110 Sul e foi despejado para a 105 Norte. Apesar do nome Pamonhão, era a coxinha de milho uma das gostosuras mais procuradas (coxinha que é também uma das melhores lembranças de Rodolfo, baterista dos Raimundos, sobre Brasília). Hoje oferece self-service de comida goiana e mineira, caldos e sopas. Lota nos fins-de-semana.

Park Way — As melhores festas da cidade nos anos 80, quando ainda eram de graça, para convidados, e quando se conseguia encontrar o endereço. Hoje, grandes festas ainda acontecem ali. A mais famosa é a Mansão dos Flamboyants, da socialite Moema Leão — que aluga a casa para suas festas.

Peladas — Como os churrascos, as peladas acontecem por todo o fim de semana nos clubes como Asbac, Country, Iate, Minas, Cota Mil, onde há, inclusive, campeonatos internos. Em uma dessas peladas o brasileiro Amoroso, que atualmente joga no Parma, Itália, e está convocado para o jogo da Seleção Brasileira contra o Equador, dia 21, foi descoberto.

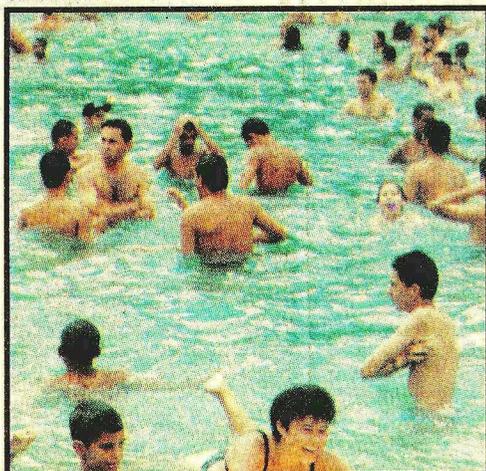
Picape — Uma das grandes paixões dos brasilienses, devido à cidade estar localizada na região centro-oeste, onde há concentração de fazendas. De olho no filão formado por fazendeiro, empresários, donas de casa e "agrobóys", as concessionárias locais investem pesado na comercialização das picapes.

Pizza da Dom Bosco — Pode não ser a melhor da cidade, mas com certeza é a mais tradicional, apesar do excesso de massa de tomate. Com mae gelado, então... Peça uma dupla. O segredo da lanchonete da 108 sul talvez seja a receita que não leva massa: é feita apri-



Durante muito tempo a ponte Costa e Silva ficou como um esqueleto e era chamada de ponte velha, embora fosse mais nova que a travessia que dá no Centro Gilberto Salomão

Carlos Moura



O Parque da Água Mineral: uma praia no cerrado

nas com pão de forma, queijo e tomate, fugindo totalmente das características de pizzas tradicionais. Quem experimenta vira fã, como Nelson Piquet, que adora.

Ponte Nova e Ponte Velha — A atual Ponte Nova (Costa e Silva) durante muito tempo foi chamada de Ponte Velha — era um es-

queleto de uma obra interrompida. A atual Ponte Velha foi concluída primeiro (mas na época em que ficou pronta, era chamada de Ponte Nova) - Deu pra entender?

Ponta de picolé — É um terreno; ou lote, como preferem os brasilienses. Na ponta de cada um dos conjuntos das QL (quadra do lago) que dão para as águas do Paranoá. O nome veio do formato dos conjuntos, parecidos com picolé. A área inversamente proporcional, mas seca, é chamada de contraponta de picolé.

Projeto Pixinguinha — Escola Parque e Piscina Coberta - Um dos mais importantes projetos que já passou por Brasília. A Funarte promovia e, na década de 70 trazia grandes artistas como Jackson do Pandeiro, Clementina de Jesus, Simone e Cartola. Interessante que havia um horário alternativo para as apresentações, às 18h. Os shows aconteciam na Escola Parque 308 Sul, na Sala Funarte, na Piscina Coberta (hoje Ginásio Claudio Coutinho) e na Sala Villa Lobos. O projeto acabou em meados dos anos 80.

9

Quebradas — São cantinhos disputados por casais, com pouca iluminação e não muito afastados da cidade — por motivos de segurança. Pontão foi a quebrada mais famosa. Na orla do Lago Sul, o local chegava a ter um carro ao lado do outro, um

verdadeiro motel a céu aberto. Que não existe mais. Muita gente já foi assaltada ali. O local foi fechado em função do projeto Orla. O Parque da Cidade é outra quebrada famosa, assim como o prédio inacabado perto da UnB e a Prainha do Setor de Clubes Sul. Sem falar nos terrenos baldios — há muitos pelos Lagos e cidades do DF — onde sempre há carros estacionados com vidros embaçados.

Queen's — Foi uma boate que reinou no final dos anos 80 na 314 Norte, subsolo. Marcante por ter sido local de ponto de encontro de prostitutas. Todo mundo na cidade sabia o que rolava por lá. Hoje o ponto continua no subsolo, mas a boate fechou em meados dos anos 90. A quadra chegou a ser chamada de "trezentos e queen's".



Fundada em 1969 por uma ex-motorista de caminhão, a Cidade Eclética ou Vale do Amanhecer é um dos símbolos do misticismo da cidade

Raves — Febre dos anos 90 no mundo inteiro, inclusive no DF. São festas itinerantes (que não tem local definido pra acontecer e com ritmos eletrônicos). Todos fim de semana tem uma festa rave na cidade. Clubbers e moderninhos são figurinhas carimbadas, assim como gays. Cabelos roxos, roupas brilhantes, botas de cano longo e acessórios fluorescentes são vistos de longe. Uma rave marcante foi a da estação de metrô na 114 sul, há três anos. Outra foi no prédio inacabado ao lado do Venâncio 2000: todos tiveram que ir fantasiados com algo coisa que remetesse a hospital. Sobraram enfermeiras, médicos e enfermos...

Rockonha — A festa prometia

ser uma mistura de rock com maconha: afinal, os convites que circulavam na cidade eram feitos com papel de seda. Foi um acontecimento em no início da década de 80 que começou em uma chácara perto de Sobradinho, com direito a placa indicando o local da Rockonha e terminou com um grande blitz da polícia. 100 pessoas passaram a noite em cana. Festa que é bom não rolou. Mas Renato Russo imortalizou o episódio na música Faroeste Caboclo.

S

Seca — Castiga a cidade e torna as vidas secas principalmente nos períodos entre agosto e setembro — depois em início a época das chuvas. Os que moram nas cidades de pouco asfalto têm um incômodo a mais: a poeira. Mas o pó não tem limites e invade, em redemoinhos, al-

guns cartões postais, como a Esplanada dos Ministérios.

Semáforos — A cidade surgiu sem cruzamentos e semáforos, o que era motivo de orgulho dos brasilienses, pois diferenciava a cidade de outras. Para se cruzar a W/3 Sul, por exemplo, era preciso entrar na via e pegar o primeiro retorno. No final dos anos 70, abriram os primeiros cruzamentos. Com eles, vieram os sinais.

Sereia e Stalão — Dois antigos

bares que faziam a alegria dos homens. O Stalão, onde hoje funciona uma churrascaria no Setor Hoteleiro Sul, era menos badalado e só ia lá quem quisesse sair com alguma rainha da noite. Já o Sereia era mais festivo e democrático: servia como point para a saideira nos finais de semana e servia uma ótima peixada.

Shoppings — O primeiro centro comercial da cidade a ter o direito de ser chamado de shopping center foi o Conjunto Na-

cional, inaugurado em 1971. Reinou absoluto durante muito tempo, e quase foi desbancado pelo Parkshopping. Mas a cidade cresceu e os shoppings se multiplicaram, viraram programa obrigatório para quem gosta de praças de alimentação e cinemas pequenos. Hoje são oito shoppings no DF. Somada, a estimativa de faturamento anual de todos esses centros de compras ultrapassa R\$ 1 bilhão.

Siglas — Será que alguém sabe decifrar o que todas elas significam? A lógica nas siglas dos endereços de Brasília dificulta a orientação, principalmente de quem acaba de chegar na cidade. É uma verdadeira sopa de letrinhas: O SHN é Setor Hospitalar Norte, ou Setor Hoteleiro Norte? O SHIS fica ao lado do SHS? O SCS é o Setor de Clubes Sul? Muita gente continua sem entender os endereços em Brasília. Nas Superquadras (SQs), a numeração facilita a localização, mas em outros setores as siglas confundem até mesmo quem nasceu na cidade.

SQN 102 — Foi point durante um bom tempo, no início dos 80. Muito agito atraiu bagunça, roubos de carros, tráfico e assaltos aos bares da quadra. Todos acabaram fechando, em parte graças à pressão dos moradores da quadra: militares.

SQS ou SOS? — Pichação clássica da virada dos 70 para o 80. O autor: o poeta Nicholas Behr, que inaugurou o hábito de vender na cidade livrinhos mimeografados em ônibus, shows e concertos Cabeças.

Suíte Romana — Palco da alegria de muita gente que frequentava o VIP's Motel nos anos 80. Mas nos quartos não havia nada que remetesse ao império dos Césares. O nome era Romana

pois na época era novidade que um quarto de motel tivesse piscina — o que transformou-a em uma das suítes mais disputadas do DF. Outra novidade (que infelizmente não existe mais) era que o motel cobrava baratíssimo por período de 12 e até 24 horas. Hoje, a suíte Romana ainda existe, cobra por período de 2 e 4 horas. Quem quiser lembrar os velhos tempos e passar a noite, ganha um singelo desconto de 25% sobre o preço cobrado.

t

Tarantella — Nome original do restaurante Piantella, principal reduto dos parlamentares de oposição no final do regime militar. Mas o dono do Tarantella do Rio (aliás, um desconhecido restaurante) não gostou e exigiu a mudança.

Teatro da Minoria — Foi o nome dado ao teatro de Arena da UnB durante a grande greve de 77. Na época, o reitor dizia que os agitadores eram minoria. Porém, o anfiteatro ficava cheios nas assembléias. Por isso passou a ser chamado pelos estudantes de Teatro da Minoria.

Templo da Boa Vontade — Um dos lugares mais freqüentados pelos turistas, o templo ecumênico tem o maior cristal brasileiro no teto. No local são realizados cultos e até casamentos.

Tesourinha — Em forma de um trevo de quatro folhas, é uma das criações mais geniais do urbanista Lúcio Costa, que elimina cruzamentos. Permite que o trânsito flua com mais naturalidade, eliminando a necessidade



A pintura da lataria dos microônibus inspirou o apelido popular dos veículos que faziam os trajetos não-lineares da cidade: zebrinhas

de semáforos.

Tribos — Famosos os punks da década de 80, com cabelos espetados e coloridos. Assim como os darks, de pele branca, com olhos marcados de maquiagem preta, usavam capas longas. Outra tribo era a dos new waves, que usavam roupas xadrez e boinas. Todos se diziam contra o sistema. Renato Russo e Maria Paula foram dois integrantes do movimento punk. Nos anos 90 reinaram os grunges, de bermudão, coturno e camisa quadriculada. Hoje predomina a galera clubber, que se diferencia dos

mauricinhos e patricinhas do Gilberto Salomão. Também há a tribo dos cowboys e cowgirls do asfalto, que lotam festas do gênero, com suas botas e cintos imensos.

u

Umidade — Pele ressecada e olhos ardidados não são novidade para brasilienses. No período de seca, não é raro que a umidade relativa do ar caia a 12% no Distrito Fede-

ral. Segundo a Organização Mundial de Saúde, abaixo de 30% já é uma situação desconfortável para o ser humano. Abaixo de 13%, permite a decretação de estado de calamidade pública. Bem longe do litoral, Brasília já está acostumada com a estiagem.

v

Vale do Amanhecer — É um dos pontos místicos mais expressi-

vos do DF. Integra cultos e entidades de religiões afro-brasileiras, indígenas, egípcias, ciganas, incas, astecas, maias e até extraterrestres. Em seu terreno, no KM 10 da Rodovia DF 0-15, perto de Planaltina, realizam-se, todos os dias, mais de cem rituais e, em alguns períodos, chegam a passar por lá quatro mil pessoas. Os trajes rituais dos médiuns e as imensas imagens de entidades espalhadas por todo o Vale fazem dele um cenário surreal. Foi fundado em 1969 pela sergipana Neiva Zelay, uma ex-motociclista de caminhão com poderes extra-sensoriais que morreu em

1985. Hoje há mais de 15 mil habitantes no Vale do Amanhecer, considerado o maior e mais impressionante fenômeno do sincretismo religioso do país.

w

W/2, W/3, W/4, W/5.. — O porquê da letra W nas avenidas também perdeu-se no tempo. AW/3 foi, durante muitos anos, a principal avenida comercial de Brasília, mas hoje enfrenta muitos problemas e promessas. Há um plano de revitalização da avenida, mas ainda em fase inicial.

x

Xadrezinho — Juscelino e seus amigos seresteiros adoravam ir ao Xadrezinho, um bar à beira do Lago Paranoá. Depois, virou ponto de encontro de casais clandestinos.

z

Zebrinha — Quando os microônibus vermelhos com listas brancas foram colocados em circulação para resolver o problema de transporte nas comerciais e entrequadras, o governo fez um concurso para escolher o seu nome: viraram zebrinhas.

Zebrinha (2) — Mítico bar da EQN 204 que reunia os descasados de Brasília (um contingente que chamava a atenção do país) nos anos 60. O bar fechou e os descasados estão hoje por toda a parte.